

Sonho de piotr

Thiago Fernandes*

Na tentativa de falar permaneceu muito tempo calado, tentando quieto. Até que apanhou travesseiros.

Durmo com dois, tenho dificuldade para respirar.

Enfileirados, envolvidos num lençol branco, conseguiu um corpo. Enquanto se deitava com o corpo, buscando posições, pensou em mórbido, mórbido demais. Desiste.

Eu quero falar alguma coisa.

Repete eu quero falar alguma coisa com vozes que não a sua, vozes idiotas. Remenda a si próprio. Não tenho paciência comigo.

Quero falar alguma coisa, quero encontrar a melhor maneira de falar alguma coisa.

* Mestrando em Literatura Brasileira pela USP e ator. O referido texto possui gênese no processo criativo do espetáculo "Pequeno-burgueses: rapsódia em duas partes" (2014), no qual a Cia Bruta de Arte (SP) tomava o texto de Maksim Górkí como ponto de partida. Email para contato: thiagofernandes@gmail.com.

Minha vida em São Paulo, literatura, *O Guarani*,
José de Alencar.

Pensa que poderia falar sobre a morte do pai, que poderia querer falar sobre.

Eu já falei muito sobre o meu pai, mas nunca falei sobre a morte dele.

Melhor assim, teria uma justificativa. As pessoas não lidam muito bem com causas aleatórias. Um silêncio no qual ele se prepara para contar.

Meu pai.

Meu pai morreu no dia 17 de janeiro de 2014 em virtude de...

Desiste.

Pensa que desistir é necessário. Premeditadamente desistido. Forçar-se junto ao aleatório. Tenta colocar uma música; o gesto se converte em demência. Apertando seguidamente o play consegue um efeito dramático reprisando o primeiro segundo da música; entre play e pausa, play e pausa, play e pausa o intervalo de tempo que anuncia – às vezes as coisas se organizam para anunciar – o que viria em seguida com a espontaneidade de criança.

Mira a arma em direção à rua através da janela, de modo constante a procura de um alvo; meio escondido pela cortina, a mão passeando entre alvos, brinca de mirar, brinca de acertar. Quanto tempo se passa? Até que ele diga que

a encefalopatia hepática acontece quando há um excesso de produtos tóxicos provenientes da alimentação e do próprio fígado que deveria eliminá-las,

dito de repente,

mas não elimina porque está fudido, todas as células destruídas. Eu queria falar sobre a encefalopatia, uma doença que se mede em estágios, do 0 ao 4.

Em níveis de consciência o doente avança de normal para leve perda de atenção, para letárgico, para sonolento, mas responsivo, e para o coma. O meu pai não chegou no coma, ele parou no,

didático,

sonolento,

mas, responsivo,

caracterizado por desorientação severa e comportamentos bizarros.

Exemplificar seria muito simples. Ele tenta expor uma situação de delírio que presenciou, mas é interrompido pelo pai que insistentemente averigua a presença de pessoas, estranhas e conhecidas, do lado de fora de casa. É o que faz o delírio, interrompe. Também requer agenciamentos cruéis. Acordos que comprometem a ordem do dia. Ele tenta enquanto diz que não há nada ou ninguém lá fora. O delírio diz que você não sabe nada.

O que o delírio empenha em termos de comportamentos bizarros me soa controverso.

De repente; a frase encontrando lógica para tudo.

Vídeos nos quais as mulheres ejaculam expelindo grande quantidade de um líquido incolor, tem um nome, me divertem.

Há uma euforia que explode como quando se assiste a uma partida de futebol. Entre play e pausa, play e pausa, play e pausa dissipo a

comemoração. Reparo nos movimentos de cada parte do corpo, contraído e violento. Algumas parecem se envergonhar, não possuem o ato, falta-lhes virtuosismo. Me entristeço. Pergunto se o momento delira. Sei que preciso beber água.

Nada pessoal.

Era como se lhe pedissem para apresentar uma cena. Ele diria que precisava fazer uma cena.

Eu preciso fazer uma cena, e então dizer alguma coisa.

Nessa cena o personagem relata um sonho, ele conta um sonho, um pesadelo, acho que é mais um pesadelo. Nesse sonho ele está num rio, ele diz que é um rio de água espessa, eu não gosto dessa água espessa; a palavra espessa me incomoda, é diluída demais. Água turva. Ele diz que está sendo arrastado pela correnteza, é como se fosse um,

assim,

tsunami.

Quando ele chega em terra firme vai levando tudo, vira aquela água suja. Se até 1900 nenhum tsunami tivesse sido relatado seria um negócio meio premonitório; é disso que o sonho fala, não tem metáfora nenhuma. Eu pesquisei e parece que... esquece.

Eu dizia... ele tenta se segurar nesses pedaços de coisas, de madeira, mas não consegue, tudo se desfaz, tudo podre, vai sendo levado; quando ele acorda diz que um cheiro de óleo que veio do quarto dos pais, dos velhos, deve tê-lo feito sonhar isso tudo. Óleo, água espessa, que estúpido.

Eu pensei em fazer isso numa cena em que eu começo dizendo que "eu quero fazer uma cena"; "eu quero falar alguma coisa".

Sobre literatura, O Guarani, José de Alencar. Existe um apesar. Nunca li O Guarani, odeio a fase indianista do José de Alencar. Ainda assim, certa vez, usei um trecho desse romance como epígrafe. Desse trecho eu gostava mesmo. Dizia sobre o homem ser coadjuvante e a natureza protagonista, algo assim, era logo no início, talvez até na primeira página.

Pensa que poderia ler o referido trecho, novamente, mas lembra de já ter rasgado a tal página dizendo essas mesmas coisas uma outra vez. Na ocasião ele disse foda-se o nacionalismo literário, e ensaiou uma frase de efeito, algo como que bíblia que nada, bom mesmo era rasgar O Guarani, das melhores coisas para o cardápio de injúrias, mas se censurou, pensou em piegas.

Sobre meu pai. A morte dele.

Fica de pé e repara em sua roupa. Ajeita a camisa para dentro da calça.

Já estou de preto mesmo. Posso estar de luto.

Meu pai,

começa dizendo meu pai faleceu no dia e desiste.

Sentando-se novamente,

sobre encefalopatia hepática, uma doença que ocorre quando há um excesso de produtos tóxicos provenientes da alimentação e do próprio fígado. Uma doença que se mede em estágios. Explicá-la, ainda que como leigo, envolve certo dinamismo. Gosto desse dinamismo. Em níveis

de consciência o doente avança de normal para leve perda de atenção, para letárgico, para sonolento, mas, responsivo, e para o coma. O meu pai não chegou no coma, ele parou no

sonolento,

mas, responsivo,

caracterizado por desorientação severa e comportamentos bizarros.

Exemplificar seria muito simples. Calça sapatos e veste paletó também pretos. Termina assim de se vestir. Demonstra agitação e urgência, premeditadamente, esclarecendo a importância daquilo que o ocupa. Precisa fazer uma cena ao mesmo tempo em que precisa dizer ao pai que precisa fazer uma cena repetidamente enquanto o pai insiste em averiguar a presença de conhecidos e desconhecidos do lado de fora de casa. Ele insiste no contrário, não há ninguém lá, que precisa fazer uma cena. Daí repassa de maneira confusa do que se trata, um sonho no qual o personagem é arrastado pela correnteza de um rio, mas isso é mais cena do que pode querer da própria cena, o pai não escuta, é um chamado de atenção, olha a cena, para e escuta, não tem ninguém lá fora, vai dormir, mas o delírio interrompe, o teatro “farceja” diante do delírio, a intenção de teatro.

Eu não sei porque eu estou falando tudo isso.

Se há uma correnteza de água espessa, que palavra de merda, eu diria que... Eu não sei por que eu estou falando isso. Talvez eu queira criar um vínculo afetivo.

Ele ri, ri muito como que tendo chegado a uma conclusão patética,

ao patético da situação,

que patético.

Eu sou mesmo!

O personagem foi suspenso da universidade por ter participado de umas manifestações estúpidas por coleguismo; eu nem acreditava naquela merda. Eu não acreditava que merda nenhuma daquela ia me impedir de estudar direito. Eu nem queria estudar direito. Queria mesmo fazer medicina. Vai que um dia meu pai desenvolve uma cirrose de tanto beber vodka e tenha mesmo uma encefalopatia hepática.

Eu poderia cuidar dele.

Eu serviria pra alguma coisa.

Mal sabia que o sonho já existia.

Dizer alguma coisa,

Não.